

# Imaginação, culturas e fontes documentais<sup>1</sup> em desenhos de meninas e meninos da Educação Infantil brasileira

Marcia Aparecida Gobbi<sup>2</sup>

*Pedro dirige-se rápido e entusiasmado em direção à Marta. Diante dela, que é sua professora, coloca-se a mostrar o desenho recém-finalizado em que muitas linhas insistentemente cruzavam-se umas às outras. Cores, aparentemente usadas de modo aleatório, disputavam espaços com traços e formas, por vezes nem tão facilmente compreensíveis. A exclamação da moça diante da folha e do desenho apresentado pelo menino pequeno é contida: esboça um sorriso e um pequeno elogio. É possível observar de longe que, curiosamente, seus olhos procuram captar o que está acontecendo ao redor, com as outras crianças, e não aquilo que está diante de si. Após alguns minutos e nenhuma conversa recolhe o desenho e o deixa silenciado sobre a mesa.*

É preciso estar atento, pois a forte presença de desenhos infantis entre nós expõe uma questão fundamental: corremos o risco de naturalizá-los, e com isso, passar a vê-los com menor cautela e curiosidade. Essa afirmação é o mote em que se baseia a construção desse artigo somado a pretensão de que puxando as linhas postas nos desenhos pelas crianças, podemos, em cada descrição ou vaguear de olhares, aprender com elas, em mundos de casos e imagens que vão se abrindo diante de nós. As narrativas, ainda que misturadas, passam a fazer sentido, ou mesmo, impulsionar outras perguntas e respostas. Tecemos aqui a defesa do olhar e ver como formas de estranhar o outro, nesse caso, os desenhos das crianças e passar a compreendê-los a partir de diferentes pontos de vista de modo mais lento. Ir ao outro – criança – pelos desenhos criados por ela implica não apenas compreendê-lo, mas fundamentalmente, a si mesmo. Encontrar-se consigo mesmo por essa criação infantil.

Trata-se, porque não dizer, de ato político, uma vez que ver com lentidão evoca práticas contrárias a movimentos aligeirados de olhar e compreender o mundo e o outro. Contrariam-se com isso os ditames atuais em que prevalecem a rapidez e os modos furtivos de se relacionar com o outro, seja o que

<sup>1</sup> Artigo composto a partir de resultados de pesquisas e artigo já produzido para a revista Linhas Críticas da Universidade de Brasília. UnB.

<sup>2</sup> ProfªDrª da Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação – FEUSP

ou quem for, prática a qual tem nos impedido de ver e estar junto verdadeiramente. A citação com a qual tem início esse artigo, procura aproximar-se dessa incapacidade de ver e problematizá-la a partir de uma situação realmente ocorrida em escola de educação infantil pública da cidade de São Paulo. Relação essa que compõe o cotidiano das crianças em muitas creches e pré-escolas brasileiras ainda hoje e que evidencia formas de nos relacionarmos com a infância, em que abafar suas vozes e traços tornou-se uma constante. Esquecemo-nos de que é na relação entre o que vemos e o que somos, ou melhor, entre sujeito e objeto – desenho/crianças e adulta/professoras – que pode se produzir conhecimento e experiência, conjuntamente. Há uma negociação, implícita, pelo lugar a ser ocupado, nesse caso pela criança que mostrava seu desenho e a professora que o via não o vendo, e a ambos: menino criador do desenho e ao desenho propriamente dito. Fica-nos uma questão não resolvida: se fosse menina, seu desenho seria mais bem visto? Não saberemos aqui, nos limites desse artigo. Mas, trata-se de pergunta boa para se pensar, pois, talvez se olhe de modos diferentes e com tempos diversos para aquilo que meninos e meninas criam implicando construções variadas de gênero.

Ver não vendo: algo indubitavelmente perverso, sobretudo quando se destina nossas preocupações em relação à infância e às criações infantis, voltando-se contra o valor existente no desenho e as relações que podem ser estabelecidas a partir de sua participação cotidiana em nossas vidas. Várias são as situações em que podemos olhar para distintos assuntos desenhados pelas crianças. Existem em profusão. Estão nos muros das cidades, nos cadernos, em folhas soltas de papel, nos são dados de presente pelas próprias crianças desenhistas em diferentes momentos constituindo-se, entre outras coisas, em recordações de tempos e modos de ver da infância. Contudo, a rapidez do tempo furta e tem fragilizado nossa capacidade de ver impedindo-nos de sorver e compreender o que os traçados apresentam e representam a partir de diferentes realidades e processos de criação. Os desenhos infantis têm passado despercebidos como manifestações expressivas da infância. Realizados com suas características e particularidades de grupos infantis de diferentes partes do país e desde tenra idade evocam e podem provocar diversas maneiras de compreensão. Raramente nos ocorre que resultam de complexas relações dependendo das características sociais, históricas, culturais e econômicas de seus criadores sendo também resultados de suas investigações particulares.

O estudo meticuloso sobre os desenhos criados na infância, quando estes são compreendidos como artefatos culturais e documentos históricos, pode contribuir para se respeitar e conhecer lógicas de construção de culturas naquilo que caracteriza a infância. Trata-se de tarefa que pode ser tomada pelas ciências sociais, em especial sociologia e antropologia, apresentando fecundas contribuições nos processos de formação de modos de ver dos adultos e das adultas que atuam com as crianças, desde bem pequenas.

Ao desenhar, em certa medida, nos aproximamos ou estamos com o outro, e com isso, passamos a também compreendê-lo com suas singularidades e pontos de vista próprios. É um exercício de vida e experiência, ao mesmo tem-

po em que é experimentação. É ver, pois não vivenciamos o ato do desenho em si. Materializar o que é visto com todos os sentidos e a partir das relações com o outro. Trata-se de apropriar-se do outro pelo uso do lápis, da caneta, do giz, do carvão independente da faixa etária de quem desenha. Outro esse compreendido aqui como ambiente, espaço e pessoas de todas as idades que estão no entorno do desenhista e que, como tal, podem implicar descobertas e mudanças da perspectiva adotada ou impostas previamente.

As investigações sobre desenhos, ou que os compreendem como auxiliares em pesquisas etnográficas, ainda desconsideram – com poucas exceções – as crianças com até cinco ou seis anos de idade, o que leva à naturalização da ideia de ausência e de falta quando se pensa em coleta e modos de compreender os desenhos nas pesquisas. Algo preocupante, uma vez que a ampliação das formas de compreendê-los levaria a ganhos no que concerne ao entendimento da própria infância e seus artefatos no âmbito da cultura material produzida pelas crianças. Viagens imaginárias, ficções são realizadas a partir do papel. O ato criador das meninas e meninos, tão pequenos, tem a capacidade de modificar o papel fazendo dele um documento em que metáforas, inventividades, fantasias encontram-se presentes e somadas a manifestações culturais da infância o que poderá apresentar formas diversas de acordo com o contexto em que foram elaborados.

Procuo com esse pequeno texto, contribuir com os estudos da infância e formação de professores e professoras que, de uma forma ou de outra, vão encontrar-se com as crianças. Apresentando desenhos de meninos e meninas, uma criação presente em nossas vidas, porém, ao mesmo tempo alijada do cotidiano, sobretudo quando compreendida em seu caráter social e cultural como evidências de culturas e como fomentadoras de construções culturais numa expectativa de participação infantil em contextos sociais, desde tenra idade. Não se apresenta a realidade nos desenhos, mas, como representações que são, procura-se a possibilidade de discutir sobre diversas maneiras de ver e registrar mundos pelas crianças e com elas.

Ainda, considerando os desenhos como documentos e artefatos da cultura, objetivam-se perceber lógicas infantis e a reorientação das mesmas diante e em relação com o ato de desenhar e os resultados obtidos com o desenho. Mundos são criados, negociações são abertas no coletivo infantil e deste com todos que estão à volta. Um convite a ver e debater é feito a todos, provocando uma tessitura em que crianças e adultos possam encontrar-se ponto a ponto, linha a linha numa composição conjunta, em que o ganho é justamente conhecer uns aos outros alimentando a imaginação e a capacidade de fantasiar e criar. Ressalta-se aqui que ao denominarmos os desenhos das crianças como documentos, deve-se ter atenção de que temos neles diversas maneiras de usar os suportes e materiais. Usos que os transformam em outras coisas, em outra forma de comunicação com o mundo, o que não os tornam menos fontes documentais. Quando guardados podem ajudar a nos alimentar e a conhecer maneiras de registrar em que se reinventa o mundo a partir de princípios crianças.

Nesse artigo, vale ressaltar não se pretende abordar a infância brasileira ou a educação infantil paulistana. Sabemos o quanto isso incorreria em equívocos, não somente quando pensamos na dimensão territorial e cultural que compõe o país, mas por sabermos tratar-se de diferentes crianças em contextos culturais diversos havendo que respeitar. Nos limites desse artigo pretende-se apenas abordar alguns desenhos criados por menina e menino da educação pública da cidade de São Paulo, acreditando ser essa uma contribuição e oportunidade para se conhecer uma pequena parte de nossa cidade e nossas crianças.

### *Desenho e culturas infantis: imaginação, fantasia e marcas sociais da infância*

Estudos sobre desenho têm nos apontado, em geral, preocupações relacionadas a concepções de caráter maturacionista e, por que não dizer, de caráter evolucionista seguindo e constituindo modos equivocados de compreender as criações infantis, porém, dando seqüência à nossa forma classificatória de ver e compreender o mundo. Quanto aos desenhos infantis, nossos olhares preocupam-se mais em enquadrá-los em fases evolutivas e às crianças, suas criadoras, que propriamente com o processo criador em si. Ainda falhamos ao não contextualizarmos social, cultural e historicamente as situações em que as crianças estão ou estiveram envolvidas enquanto desenhavam. Essa perspectiva prevaleceu ao longo de tempos implicando construção de modos de ver entre os adultos e adultas, que por vezes, empobreciam aquilo que as meninas e meninos criavam. Essa prática, além de engessar nossa capacidade compreensiva faz valer entendimentos que destituem a autoria de quem os elaborou como sujeitos situados socialmente. Por vezes, desconsideram-se aspectos que envolvem não somente a feitura do desenho como seu resultado e, com isso, pode-se negligenciar as próprias crianças e suas origens de classe social, étnicas, de gênero. Trata-se de compreender outra maneira de falar e representar a sociedade, neste caso, do lugar das crianças, mudando o ângulo de visão e compreensão do mundo. É empreender esforços por contrariar o anonimato imposto à infância, em especial de crianças bem pequenas.

Os desenhos elaborados pelas crianças permitem-nos conhecer, entre outras coisas, elementos da sociedade em geral, o que envolve interpretações e representações, por vezes, de tipos particulares de seus criadores, portanto, sem esquecer a imaginação e a fantasia necessárias e envolvidas no ato criador. Entre os traçados percebem-se certos temas, cores, formas de uso de materiais, jeitos de organização espacial dos suportes desenhados, ou ainda, de registrar modos de compreender ou explicar diferentes contextos em que estão inseridas ou em que colaboram para sua elaboração e construção cultural. O fato de terem sido criados sem a intenção documental não os destituindo do peso histórico não os livram de documentar e guardar memórias de infância e seus conhecimentos sobre diversos contextos sociais e culturais. Mas, basta ver? A disposição para ver essas manifestações expressivas é imprescindível como exercício, como direito à lentidão e ao vagar, contrariando

as formas autoritárias que exigem a pressa e a rapidez e, conseqüentemente que passemos a não fruir, não observar e somente produzir mecanicamente e de modo desenfreado. Porém, há que ser iniciado tornando-se prática cotidiana. É um aprendizado.

Ver desenhos envolve enredar-se ao objeto, que de modo intrínseco pode gerar curiosidades, perscrutando-o naquilo que possibilita de questionamentos e respostas ao pesquisador e ao próprio objeto. O que temos a oferecer para essas imagens criadas por meninas e meninos, por vezes, tão pequenos? O que elas têm a nos ofertar? Quando nos colocamos a disposição das linhas, traçados, cores, formas apresentadas nos desenhos entramos em relação orgânica com elas. Aprendemos, conhecemos, experimentamos.

Ao tratar os desenhos criados pelas crianças, desde bem pequenas, como artefato cultural ou fonte documental não significa que possam ser vistos como cópias da realidade, equívoco ainda muito cometido. É verdade, porém, não é expressão de neutralidade ou do todo ali representado. É invenção, fantasia, guarda elementos da imaginação e, porque não, do cotidiano vivido e sentido pelas meninas e meninos. É um fragmento bom para pensar sobre diferentes questões teóricas e práticas referentes às dinâmicas sociais, envolvendo ou não crianças, mas que seguramente podem partir delas.

Como num balé clássico ou frevo as crianças esboçam e traçam seus desenhos como danças sobre o papel, em que seus corpos são movidos a deixar suas marcas sobre diferentes suportes. Contudo, muitas vezes nos acomodamos somente com estas observações, por vezes, prazerosas e deixamos de lado que a permanência deste instante pode ganhar outros contornos. Ela documenta. Compreender as dinâmicas que envolvem o ato de desenhar e o desenho propriamente, implica esforçar-se por não perder as particularidades existentes nessa expressão plástica infantil. Aquilo que é fugaz – o desenho e seus suportes – e que, como tal, pode se perder rapidamente no tempo, nunca cessa, dependendo da maneira como o mesmo é organizado, ou mesmo, registrado por seus organizadores ou coletores. Essas maneiras de nos relacionarmos com estes objetos-desenhos revelam, por sua vez, qual a concepção que se tem daquele que o criou, bem como, da própria criação.

A compreensão dos desenhos infantis como documentos históricos é que os mesmos favorecem e reclamam a construção de olhares rigorosos, minuciosos e práticas reflexivas sobre as relações sociais e como as crianças ordenam sua percepção de mundo e nos apresentam em seus traçados e assuntos selecionados. É problematizar os mesmos como narrativas culturais criadas na infância pelas crianças comportando nisso a imaginação e demais elementos de suas vidas inventadas ou experienciadas cotidianamente e que contribuem com a elaboração e construção culturais numa relação clara entre distintas gerações e pessoas de mesma idade.

Numa perspectiva histórica e cultural vale perguntar: o que está guardado nos desenhos ao longo do tempo? O que revelam sobre as transformações do tempo e por ele impostas? Os desenhos infantis podem levar-nos a perscrutar nas imagens apresentadas a elaboração do passado em que se conjugam lem-

branças, esquecimentos, rejeições, desejos e, por que não, formas que recriam passados e inventam futuros. Ao serem considerados como fontes documentais podem apresentar indícios que levam a quem quer conhece-los, a entrar em domínios discretos ou particulares de certo jeito de ser criança aliado às complexas relações estabelecidas em seu entorno sociocultural, indícios os quais, quando seguidos, promovem conhecer as criações frutos de imaginação infantil. Inscrevem-se em estudos sobre cultura material, dialogando diretamente com investigações historiográficas.

Para a criança pequena a criação de desenhos não está separada do cotidiano, existem como jogos ou brincadeiras, compondo seu dia-a-dia. Seus trabalhos resultam de pesquisa pessoal, da interação com outras crianças e com o entorno social e cultural ao qual estão expostas e que ao mesmo tempo constroem. Suas criações são registros, marcas históricas deixadas por elas desde pequeninas. Os desenhos criados por meninas e meninos coexistem com outras linguagens, alimentam-se delas e as nutrem ao mesmo tempo. Existem simultaneamente com diferentes maneiras de construir culturas e infâncias e, sem dúvida, das crianças construírem a si mesmas e dar se a conhecer.

Atualmente percebe-se que o uso do desenho em estudos ligados às Ciências Sociais têm ganhado destaque quando se pesquisa infância. São considerados não apenas como instrumentos na coleta de dados, complemento do caderno de campo em pesquisas acadêmicas, mas também, como forma de ver do próprio desenhista e do grupo ao qual ele pertence. Ao ver um desenho encontramos outra maneira de contar sobre lugares e ambientes vividos e imaginados, ao mesmo tempo em que nos conhecemos ao conhecer o que o outro criou. Recordando que cada imagem, em seu contexto social, implica e convida a variadas interpretações, vale levar em consideração em qual contexto e quais bagagens portamos para estar diante dos desenhos e vê-los. É imprescindível refletir sobre as formas de chegada e contato com esses traçados, aparentemente tão simples e desprovidos de complexidade.

Ver, calma e vagorosamente, aquilo que as crianças elaboram e criam é fundamental. Não se trata da procura por explicações totalizadoras, irrefutáveis. Ao contrário, considerando que estamos olhando de modo distanciado, isso incorre em descrições que resultam até mesmo de certo afastamento etário, mas, vale entrar em contato deixando-se afetar pelas linhas, traçados, assuntos, formas, pela existência de outro modo explicativo que, ora vai ao nosso encontro, ora resiste e nos escapa, necessitando que outras portas de entrada sejam abertas. É bom esclarecer que não se pretende ser o porta-voz da infância apenas pelo fato de considerarmos suas manifestações expressivas como elementos das culturas – infância e seus desenhos podem ou não nos afetar. Trata-se sim, de procurar conhece-la por ela e com ela. Essa perspectiva busca deixar aprender a partir e por outra cultura – sem esquecer-se que, dinâmica, ela se constitui nas relações entre todos –, nesse caso, de crianças em suas sutilezas que enriquecem, mas que às vezes, ficam subsumidas nas culturas reconhecidas no universo adulto.

*É a perua<sup>3</sup> que está vindo...: quando o movimento e o cotidiano vão para o papel*

Os desenhos apresentados nesse artigo são resultados de pesquisas empreendidas por mim que acontecem há tempos. Esses aconteceram no Brasil, na cidade de São Paulo e em bairro situado na área denominada por zona sul. O foco voltava-se e ainda está voltado para a compreensão de diferentes aspectos: processo de criação, uso de materiais, relações de gênero e desenho de crianças pequenas, desenhos e suas narrativas, desenho como artefato cultural elaborado na infância pelas crianças. Ver com rigor e cuidado, investigar traçados e percurso consiste em práticas avaliadas como importantes quando na elaboração e recolha dos desenhos criados pelas crianças. Trata-se de evidente e fundamental respeito às crianças e suas manifestações nas mais distintas maneiras e formas. Grande desafio.

A cada visita que nos leva a percorrer as imagens, provoca-se novas e diferentes formas de ver. Evocam lembranças, conhecimentos, impressões. Os desenhos de Carolina aqui reproduzidos foram coletados em um CEI – Centro de Educação Infantil – da rede municipal de São Paulo e compuseram diálogo entre mim e a professora da turma ao longo do ano de 2013, após percurso de formação contínua de professoras. As conversas com as professoras, ao longo de alguns meses desse ano, foram bastante fecundas favorecendo compreensões sobre as crianças e suas manifestações expressivas. O vaguear pelas linhas e narrativas apresentadas pela menina desenhista trouxe informações preciosas sobre o processo de criação dos desenhos e, por que não dizer, apresentou-se também como bons para pensarmos sobre nossas formas de desenhar e ver desenhos. Afinal, adultas que somos, resultamos de longos percursos de deformação em que o desenho foi compreendido como linguagem menor, banida paulatinamente em nossas vidas, sobretudo escolares.

A professora procurou considerar a oralidade conjugada ao desenho enquanto as crianças o elaboravam materializando assim uma metodologia em que procurava aprender com as crianças sobre seu desenho durante o ato de desenhar. Partia-se do princípio de que era possível conversar com as crianças sobre e a partir de suas criações, considerando-as como chaves que abrem portas ao diálogo e a um mundo de descobertas e tantos assuntos, desde que saibamos conduzir a conversa de forma a não determinar o que deve ser respondido, ou melhor, aquilo que se quer ouvir. Importa destacar que os diálogos baseiam-se em confiança construída na relação com as crianças cotidianamente. Não se trata de formular perguntas cujas respostas já são sabidas, ou mesmo, consentidas. Trata-se sim de uma relação em que confiar e conhecer o outro apresenta-se como elemento constituidor do grupo e da relação com a pesquisadora ou professora da turma. Quando conjugamos oralidade ao de-

<sup>3</sup> Perua é a palavra utilizada regionalmente para denominar os transportes coletivos que levam e trazem as crianças para a escola.

senho ambos devem acontecer durante a elaboração do desenho e não após, privilegiando descobertas e aprendizagens mútuas. Entre os desenhos aqui apresentados a professora procurou estabelecer essas conversas ao longo do processo de criação dos desenhos. Reproduz-se aqui alguns trechos.

Durante a feitura do desenho, a professora questionou a menina que desenhava sobre o que via diante de seus olhos na folha desenhada:

**Professora:** *mas, conte-me a história de seu desenho.*

**Carolina:** *vc não está vendo?* (Dizia a menina, um tanto decepcionada, por notar que a professora não tinha compreendido o que fizera).

**Professora:** *Vendo o que? Parece uma geladeira...mas, tem um sol, está fora? São uns quadradinhos...* Numa tentativa de agradá-la perguntava e afirmava ao mesmo tempo, como a querer acertar e mostrar-se familiarizada com esse tipo de produção infantil.

**Carolina:** *Nããã professora. Vc num tá vendo? É a perua que vem me buscar, já tá chegando.*

Quando Carolina disse à professora que se tratava de uma perua escolar isso favoreceu sua compreensão. Como na letra da música de Arnaldo Antunes: *seu olhar melhora o meu e*, com o olhar melhorado pela menina de três anos de idade, passou então a compreender sua inventividade. Conversar com a menina enquanto ela desenhava favoreceu a descoberta do outro, como também a de si mesma, da professora que pode conhecer-se mais e melhor no contato com a desenhista e seu desenho. Não voltará a ser criança, certamente, porém, lembrando do que escreveu Roger Bastide, para “conhecer a criança é preciso tornar-se criança” incluo nisso que para conhecer a si mesmo é importante conhecer a esse outro criança que se apresenta em distintas formas, também em seus desenhos.

A perua escolar foi desenhada vista de frente e chegando até a creche, como percebido pela garota desenhista, como era comum acontecer diariamente nessa e em tantas creches públicas na cidade de São Paulo. Carolina, bastante generosa, não satisfeita com o nível de compreensão da professora, logo em seguida fez outro desenho, agora as peruas escolares encontram-se de lado, como é possível ver no desenho em sequência e de número 02.

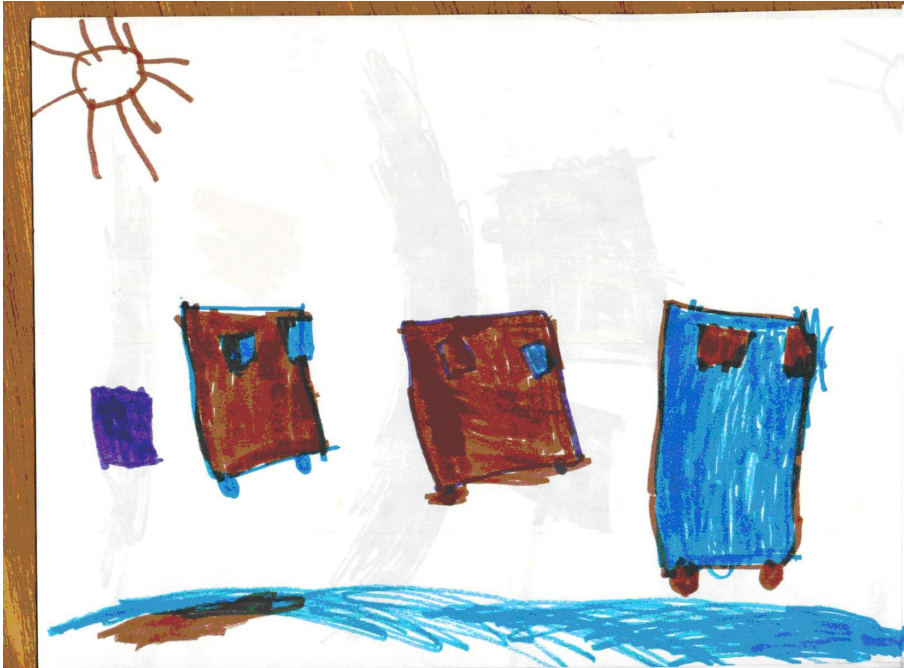
Interessa observar que estar junto com a criança enquanto ela desenhava se ofereceu como ato criativo e de formação à professora. Estar junto não implica controle e sim manifestação de cuidado e acolhimento daquilo que estava sendo criado e daquele que criava. A professora, adulta portanto, não é uma forasteira e estranha àquilo que acontecia, mas alguém que compartilhava do momento e processos nele implicados. A cultura da professora entrava em contato e contrastava com aquela da criança. Temos universos e práticas sociais pertinentes às crianças e outras aos adultos, por vezes, acontecendo de modo concomitante em constante relação, dinâmica que são as construções culturais elas são amalgamadas cotidianamente.

*Mas isso são peruas!* Como afirmava Carolina. Pois é, e nem são quadradinhos, são formas retangulares que tornam-se peruas, aos olhos e imaginação da menina desenhista. Isso, foi aprendido junto e a partir da disposição



em escutar e ver o que estava sendo elaborado. A menina desenhista confere outras informações à imagem criada e recria formas de automóveis escolares, ao seu modo e dentro de seus limites. Promove que se pense sobre o que já sabemos e avancemos por saber e ver algo mais.

Há que destacar: Carolina nos dá o relato de um aspecto de seu cotidiano ao apresentar as peruas escolares que compõem e traduzem momentos do dia-a-dia dessa e tantas outras crianças frequentadoras de creches e pré-escolas paulistanas. Aliás, esse transporte escolar é fundamental para que a criança possa cruzar os bairros pelas vias sempre tão distantes e congestionadas da cidade de São Paulo. Evidente que não se trata de inspiração etnográfica da criança que poderia ser aperfeiçoada pelo adulto ou adulta, mas o fato, é que os desenhos compreendidos como esse artefato cultural produzido pelas meninas e meninos nos oferecem oportunidades ricas para investigar e conhecer seu cotidiano e a maneira como o mesmo é compreendido e organizado para as crianças e com elas. Trata-se de uma experiência criativa compartilhada.



Desenho 01



Desenho 02

A afirmação de John Berger que “o desenho de uma árvore não nos mostra uma árvore, mas uma árvore sendo olhada”<sup>4</sup> (2011) nos vale aqui para refletir sobre o modo de ver, desenhar e expressar-se de Carolina e o mesmo de sua professora. Temos um transporte escolar sendo olhado por sua usuária de três anos de idade e a forma encontrada, dentro do que foi possível e desejável, pela garota para expô-lo e provocar pensamentos e outras ideias.

A conjugação entre desenho e oralidade, em que a criança comenta sobre sua criação no momento em que está elaborando seu desenho, apresenta-se como fecunda e capaz de revelar, em muitos momentos, como diversos grupos sociais compreendem a si e aos outros, ainda que saibamos o quanto reside de imaginação na composição das imagens. Encontra-se nessa prática a possibilidade da criança falar sobre seus desenhos, narrando-os e criando, então, histórias para eles e a partir deles. Deixam evidenciar pistas de elementos de um grupo social composto por crianças e adultos. Salienta-se que essa prática torna-se possível com crianças falantes. Grade desafio encontra-se em conhecer aqueles criados pelas não falantes: os bebês, cujos traçados, ainda são ba-

<sup>4</sup> Tradução livre da língua espanhola pela qual me responsabilizo.

stante negligenciados mesmo entre pesquisadores e pesquisadoras da área resultando em ausência de pesquisa e conseqüente desconhecimento sobre essa faixa etária e suas manifestações expressivas incluindo o desenho.

Quanto à metodologia empregada para coletar os desenhos compreende-se que o ato de desenhar apresenta e modifica certas lógicas de organização da infância em relação a distintas concepções étnicas, de gênero, de classe social que podem ficar adormecidas se não ativamos nossa escuta e olhar sensíveis. Conjugado desenho e oralidade, como metodologia de trabalho, constituiu-se como importante fonte de coleta de dados, ao mesmo tempo, em que provia a investigação de formas de ver das crianças. Traçados e falas combinavam-se resultando em ricas manifestações infantis e descobertas.

*Pra vaguar: Entre traços e cores de meninas e meninos pequeninhos*



Desenho 03

Desenhar é uma pesquisa pessoal, como já escrito, e não seria diferente com as crianças de todas as idades incluindo as bem pequenas. As diferenças encontradas nos desenhos, e estes com linhas no mais das vezes incompreendidas, apresentam diferenças que podem ser avaliadas como falta de algo, ao

contrário de serem observadas como registro da complexa capacidade infantil de elaborar seus traços, suas manchas e desenhos. São percebidos como falta de um traçado em que surjam figuras compreensíveis numa primeira olhada a apaziguar ânimos inconformados e ansiosos pela identificação do que têm diante dos olhos. Reencontra-se e se reconhece o outro pelo desenho, esse outro que é capturado transformando-se em traços, cores e formas diversas e se apresenta ou se esconde.

O desenho 03, aqui reproduzido, elaborado por um menino de dois anos de idade, não teve o diálogo presente ao longo de seu processo de criação. A professora não conversou com o desenhista o que não invalida a produção da criança. Tendo recolhido o desenho temos a oportunidade de ver: lenta e vagorosamente. Vaguear em suas linhas como numa viagem de descobertas com os sentidos em busca de sentido na composição. Esta adquire formas e passa a dizer e fazer ver algo diferente para cada um que destina tempo a vaguear por entre as linhas e traços elaborados. Perguntas ficam no ar: Temos no desenho aqui apresentado, um exercício de experimentação livre sobre o papel? Houve escolha das cores? Em caso positivo, podemos dizer que há um processo de seleção de materiais, escolhas por determinadas cores e ocupação do papel, tamanho A4, ao mesmo tempo em que se vivencia o uso dos mesmos sobre a textura do papel. O branco que convida e inibe à criação. O espaço desenhado convida a interpretações, em que o espectador torna-se ativo. Pode inserir-se a cada pausa do ritmo das linhas e avançar com previsões, sugestões, desejos de como pode caminhar cada linha, cada cor usada, cada curva feita.

Desenhar é concebido como registro e exercício de vida em que a mesma é imaginada, inventada e metafórica. Reforça-se que estar junto com as crianças enquanto desenhavam é prática que se aproxima de um trabalho de campo em que experiências criadoras e produtivas estão presentes. A professora tem a oportunidade de compor esse momento – nem sempre isso é possível ou desejável – o que enriquece as relações com esse outro que é uma criança e aquilo que realizam ao longo do dia. Garantindo, sem sombra de dúvida, a privacidade daqueles que desenhavam individual ou coletivamente. Pequeno que seja o grupo ele guarda segredos, partilha cumplicidades as quais não temos o direito de furtar deixando prevalecer a já conhecida e refutável relação verticalizada entre adultos e crianças, numa perspectiva adultocentrada.

Os desenhos abrem conversas como chaves a abrir portas para vastos universos a serem descobertos. Ainda mais: ampliam a imaginação e o imaginário poético e a ludicidade podendo evocar brincadeiras, jogos que incluem regras do que e como desenhar, se individualmente ou não. Um conjunto de conhecimentos está interligado a elaboração de seus traços, a escolha pelo uso de certos materiais, nesse processo a fantasia é imprescindível, são autores daquilo que está sendo criado. Modifica o outro no contato que mantém com quem vê. Afeto, paixão e coragem estão envolvidos nesse ato, ao mesmo tempo, em que são mobilizadas as curiosidades e inventividades necessárias para o estabelecimento de relações entre todos. Coragem para se criar, promover e manter oportunidades de conhecimento e transgressão. Transgredir compreendido

aqui como romper, questionar e ir além do canônico e já firmado. Isso implica confiar nas meninas e meninos. Nesse sentido, os desenhos das crianças, por vezes, apresentam-se como transgressores quando mostram metáforas que ensejam ruptura com modos de ver já consolidados.

Para aproximar-se dos rabiscos e das manchas criados pelas meninas e meninos desde bem pequenos, é necessário reconhecer a ambiguidade da produção infantil e a necessidade de construir junto à criança o sentido e o significado do que está fazendo. Isto permite evitar o erro pedagógico de não atribuir nenhum significado a tais produções e esperar que a criança tenha aprendido a desenhar.

A construção de uma prática pedagógica diferenciada aponta para alguns momentos nos quais muitas lacunas são percebidas entre o velho e o novo, o que sempre fizemos e o que estamos aprendendo ou temos que aprender a fazer para produzir diferente. Dessa forma, estar com as crianças, observar, preparar junto com elas espaços privilegiados para se expressarem é algo que temos que aprender e estamos a fazê-lo. Olhar com vagar, passeando pelas linhas, procurando traços peculiares em seus desenhos, também é algo novo, já que desestabiliza práticas profissionais que têm se limitado a recolher as criações apenas para pendurá-las em paredes quase neutras, ilustrando ou por vezes infantilizando espaços, sem dialogar e, pior ainda, às vezes, quantificando a produção, prática que silenciam ainda mais as vozes de seus criadores, que emudecidos tendem a ter suas expressões apagadas. Sua linguagem, reduzida.

Quanto a isso a formação das profissionais que atuam com esses meninos e meninas deverá estar atenta considerando os diferentes aspectos presentes naquilo que é criado. Observar o número infinito de sinais e formas que resultam do longo processo de descobertas, entrar no ritmo e no tempo necessários para viver com as crianças os seus ritmos de descobertas e experimentações.

### *Bibliografia*

- J. Berger, *Sobre eldibujo*, Barcelona, Editora Gustavo Gilli, 2011.
- A. M. Gobbi, *Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil*, Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- A. M. Gobbi, *Desenhos de outrora, desenhos de agora: Mario de Andrade colecionador de desenhos e desenhista*, São Paulo, Editora Annablume, 2011.
- A.M. Gobbi, *Desenho infantil e oralidade: instrumentos de pesquisa com crianças pequenas*, in Z. Demartini, P.D. Prato, A. L. Faria (orgs.), *Por uma cultura da infância: por uma metodologia de pesquisa com crianças*, Campinas, Editora Autores Associados, 2002.

- N. M. M. Gusmão, *Socialização e recalque: a criança negra no rural*, in *CADERNOS Cedex*, "Campinas", Papyrus, n. 32, 1993. p. 40-83.
- G. Staccioli. *Immagine fatte ad arte: idee ed esperienze per educare alla comunicazione visiva*, Roma, Carocci, 2002.
- G. Staccioli, *Disegnare per crescere*, in "Bambini". Bergamo, Edizione Junior, anno XII, n. 0, nov. 1996.